

Biblioteca Anarquista



A REVOLTA – essa ingovernável que perturba o sono dos governantes

Facção Fictícia



Facção Fictícia
A REVOLTA – essa ingovernável que perturba o sono dos governantes
02/01/2020

<https://faccasoficticia.noblogs.org/post/2020/01/02/a-revolta/>

bibliotecaanarquista.org

02/01/2020

Conteúdo

Não começou em junho, não vai terminar em 2022!	4
Se vocês não lembram, nós lembraremos de como junho começou!	7
ALERJ, 2013: a única forma coerente de adentrar os palácios.	13
Nas ruas nos vemos, nas ruas reconhecemo-nos!	15

Nas ruas nos vemos, nas ruas reconhecemo-nos!

Crer nas mamadeiras de pirocas ou que 2013 foi orquestrado pela CIA? A política institucional nega a realidade concreta porque a teme. E assim como a terra não para de girar porque uns dizem que ela é plana, a insurreição não se mata com discursos vazios.



**Não começou em junho,
não vai terminar em
2022!**

ALERJ, 2013: a única forma coerente de adentrar os palácios.

Por tudo isso, mais uma vez, o que gostaríamos de dizer é que essa realidade concreta permanece aí apesar dos discursos ruminantes – e ela é mais forte do que qualquer *fake news* espetacular que se consiga propagar. Quando a revolta popular chegar, tal como se espalhou pela América Latina e pelo mundo nos tempos recentes, a política feita por eles será impotente. A potência de 2013 jamais deixou de existir, mesmo com a criminalização, mesmo com a repressão, mesmo com as bobagens que escrevem. E assim como a terra não para de girar porque alguns dizem que ela é plana, a insurreição não se mata com discursos vazios. Absurdos não se combatem com argumentos, mas com ações.

Poderíamos seguir e especular o quanto essa “polêmica” atende aos interesses eleitorais da força hegemônica à esquerda. Como isso pode ser um meio de manter em seu lugar suas linhas auxiliares. Mas esta disputa não nos diz respeito como anarquistas. Como diz o ditado: “*eles que são brancos que se entendam*”. A nós, só interessa a revolta e nossa solidariedade aos amigos e amigas de luta que são alvo da má fé da esquerda institucional e seu rebanho de internet.

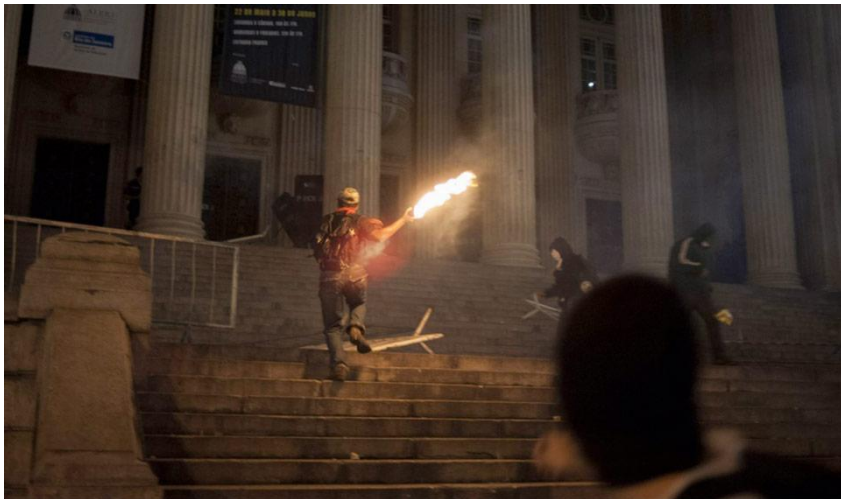
E seguiremos afirmando:

Todo preso é um preso político!

Nenhum governo combate o fascismo até o final, pois recorre a ele sempre que se sente ameaçado!

Paz entre nós, guerra aos senhores e aos funcionários dos senhores!

Fogo nos fascistas! O fogo da revolta!



As manifestações de junho de 2013 não foram um acontecimento monolítico. Sua beleza e complexidade estão justamente nesse truísmo. Teve junho antes de junho, teve junho depois de junho. Teve o junho de São Paulo, que foi diferente do que aconteceu no Rio de Janeiro que, por sua vez, teve desdobramentos diferentes do junho gaúcho e mineiro, assim como foram diferentes as manifestações no Espírito Santo, no Pará, no Ceará ou em Goiás e assim por diante. Os explicadores de junho de 2013 de todas as “vertentes” são os que se arvoram a ser coveiros da revolta que segue em curso. O fogo por vezes arrefece, mas sua brasa segue sob as cinzas e qualquer vento pode reanimar a chama. Junho está sendo. Isso é lembrado a cada momento na política brasileira. Por isso, os melhores textos sobre junho de 2013 são análises de seus efeitos tratando-o como *acontecimento* e relatos da ordem do testemunho.

Tanto o que se convencionou chamar de direita, quanto o que se chama de esquerda odeiam junho de 2013. Mas a esquerda que governava à época odeia mais e por motivo bem simples: junho desvalorizou seu principal capital político parcimoniosamente acumulado desde a chamada abertura política. Capital este habilidosamente negociado com os dirigentes das elites nacionais e estrangeiras: *o controle das ruas*. A esquerda partidária e governista jamais perdoará as revoltas de junho por terem implodido seu bezerro de ouro.

Por isso, não surpreende que 2020 já começou com o “terraplanismo político” da blogosfera petista. Esta decidiu difamar publicamente uma militante que foi presa e perseguida insinuando que ela teria envolvimento com o fascismo e com o atentado ao prédio da produtora de vídeos de comédia Porta dos Fundos. Sites como DCM, Revista Fórum e os ventríloquos petistas na internet atacam de forma canalha e desonesta uma pessoa que teve sua vida destruída pela perseguição política nos governos PT. E assim, fazendo coro com as vozes da extrema direita. Nessa hora a tal polarização desaparece rapidinho. O mote, desta vez, foi um vídeo de 2013 em solidariedade a vários manifestantes presos na época. Nada é dito sobre 2013. E, desta maneira, usar o vídeo como meio de difamar pessoas e movimentos sociais diz mais sobre o caráter e o oportunismo de certa militância de esquerda do que sobre as pessoas que aparecem em um vídeo de 6 anos atrás.

certo seria aceitar a linha do grande “messias” que nos trará a paz através da conciliação de classes. Pra essa “esquerda”, a única política legítima é dos grandes acordos de gabinete. Tenta com isso obscurecer também que aqueles que sempre lutaram até o fim contra o fascismo sem concessões e que disputaram a despolitização das ruas em 2013 foram as forças políticas autônomas e anarquistas. Mas ainda assim as greves e as insurreições em resistência se espalham pelo mundo diante de uma esquerda institucional falida que abre espaço cada vez mais para o fortalecimento da extrema direita.



“Uma parte desta sociedade tem absoluto interesse em que a ordem siga reinando; a outra, em que tudo se derrube o mais rápido possível. Decidir de que lado está é o primeiro passo.”

– Ai Ferri Corti

A revolta seguiu não tragável e foi nisso que ela se tornou incontrolável; e foi por isso que julgaram preciso criminalizá-la. Ora, quando se apoiou o indivíduo que deu um soco no secretário de obras do governo Paes, em meio a uma manifestação contra remoções, quem se estava apoiando? O indivíduo integralista, o indivíduo fascista, o indivíduo masculinista ou qualquer um dos seus outros predicados desconhecidos pelas pessoas que o apoiaram? Claro que não. O que estava sendo defendido era a soltura de manifestantes, incluindo o que deu um soco na cara do secretário durante uma remoção – era a ação e não o indivíduo que estava sendo apoiada. Não houve nenhum apoio ao fascismo ou qualquer posição política individual de tal sujeito. Se essa ação não fosse defendida, deveríamos defender a criminalização dos que lutavam contra as remoções – é isso que se espera? Nem é possível se supor que se deva conhecer bem todos aqueles que foram criminalizados por ações éticas antes de se defender a ação contra a criminalização. E contra as remoções, que uma autoridade ganhe um soco na cara não é nada: mereceu sim, mereceu muito. Daí depois se descobre que essa pessoa defende o integralismo, o governo Bolsonaro, o golpe militar... Bom, nada disso se segue da sua ação de dar um soco na cara daquele comandava as remoções, não há nada ser lamentado neste apoio pontual a uma ação e não a um indivíduo.

Mas nós vivemos o tempo das construções de narrativas capazes de forjar absurdos pelas mídias sociais, dos indivíduos que valem mais do que as ações, dos personalismos, das *fake news*, das guerras discursivas. Todas as pessoas na história recente assistiram o advento do fascismo contemporâneo caminhar junto à defesa da terra plana e das mamadeiras de pirocas. A política institucional representativa cresce pela tendência ao espetáculo. *Mas qual diferença fundamental há em acreditar nas mamadeiras de pirocas ou em que 2013 foi orquestrado pela CIA?* A política institucional tenta negar a realidade concreta porque a teme. Desde o levante popular, a esquerda institucional tenta associar a revolta que não controla à direita, tentando apagar a posição política que não se enquadra no que é tragável pelos seus objetivos eleitorais. Nessa narrativa, a culpa pela ascensão do fascismo é daqueles que radicalizaram as ruas. O

Se vocês não lembram, nós lembraremos de como junho começou!

Quando a blogsfera petista traça uma caricatura para criminalizar as pessoas que estiveram nas ruas em junho de 2013, faz isso por medo de uma revolta popular incontrolável como as que explodiram em 2019 e ainda ocorrem no momento presente em vários lugares do mundo. Mas essa criminalização é feita também por ressentimento do que a revolta expôs de forma escandalosa: *é preciso uma transformação radical*. É evidente, pelo que se observa em nossos vizinhos do continente, que a revolta popular é a única resposta possível ao fascismo crescente com o qual foram e são coniventes todos os governos. Incluso o partido da ordem em junho de 2013, pois ele ajudou a implementar medidas que favoreceram tal fascismo: a política de segurança pública, a lei antiterrorismo e os projetos de cidades excludentes que acompanharam os megaeventos no Brasil, em especial no Rio de Janeiro. E as remoções nada mais eram do que uma parte desse projeto, que foi colocado em curso pelo governo do PT em aliança com o PMDB. *Talvez seja essa a parte da história que mais gostariam de apagar*. E era a resistência a essas remoções que se estava apoiando naquele momento, nada além disso.

Então vamos lá, mais uma vez retomar 2013. Havia fascistas nas manifestações? Grupos de extrema direita? Sim, haviam! Extremamente minoritários, mas estavam lá, assim como outras forças políticas tentando tragar a revolta popular para suas pautas, seja para dizer que era tudo contra apenas a corrupção, seja para dizer que o povo queria a reforma política – ainda que gritássemos por revolução.

Ora, quando há uma revolta múltipla, com mais de um milhão nas ruas, é natural que as forças políticas estabelecidas tentem cooptar essa revolta para os seus interesses previamente estabelecidos pelo jogo político. Mas

o mais importante sobre 2013 é que isso não deu certo, não deu certo para ninguém.

